

VIEIRA PINTO PENSANDO A NAÇÃO

Cecília Maria Pinto PIRES

Dept.º de Filosofia — Universidade Federal
de S. Maria (RS)

INTRODUÇÃO

O professor Álvaro Vieira Pinto é um dos pensadores brasileiros que se destaca, filosoficamente, por ter refletido, de um modo crítico, sobre as questões da nacionalidade, especialmente sobre a questão do desenvolvimento nacional.¹

Os trabalhos publicados sobre a questão nacional têm uma situação histórica; foram realizados na circunstância da ação de Vieira Pinto no ISEB, Instituto Superior de Estudos Brasileiros, na década de 50. O pensamento nacionalista do autor se explicita, simultaneamente, com o próprio trabalho do Instituto. Vieira Pinto aposta no êxito desse organismo e entende que o ISEB poderá "dar existência histórica a um Brasil que até agora não ousamos senão imaginar".²

Neste estudo trabalhamos com a temática da reflexão de Vieira Pinto, fundamental para a compreensão do seu pensamento nacionalista. Esta temática aparece em "Ideologia e Desenvolvimento Nacional" (1956) e em "Consciência e Realidade Nacional" (1960). Analisamos o acento da ideologia nacionalista desses dois trabalhos e tecemos algumas considerações a respeito do pensamento aí expresso.

"Ideologia e Desenvolvimento Nacional" (que é a aula inaugural do ISEB) é um texto que aparece como um primeiro momento da explicitação do problema, com toda a carga de questões e expectativas onde o autor caracteriza o Brasil como uma nação cujo passado intelectual não existe, a não ser através do canto "cultural" da voz de poetas e prosadores.

O segundo momento já exterioriza uma abordagem extensa e intensa da questão nacional e está circunscrito no texto de "Consciência e Realidade Nacional", ensaio de dois volumes, onde Vieira Pinto propõe questões, sugere caminhos e aposta na possibilidade da Nação.

A preocupação do autor na formulação de questões está sempre ligada ao real vivido, ou seja, procura fazer uma conexão entre o

postulado e a materialização do problema. Sua filosofia quer ser engajada, concreta, situada historicamente. É preciso salientar que a sua é uma perspectiva existencialista, marcada pelo vezo vitalista orteguiano, com o tempero da dialética de Hegel. Esta filiação, no entanto, não é admitida, em momento nenhum, por Vieira Pinto; não há referência alguma a qualquer escola filosófica ou corrente de pensamento. Ele aparece como um pensador independente, ou, sem assumir expressamente qualquer rótulo. A única identidade que aceita é ser um pensador nacional, "um filósofo da nação em desenvolvimento".

Vieira Pinto não aparece no cenário filosófico brasileiro como quem contribuiu, em algum momento, para a formação de um ponto de vista situado histórica e culturalmente. Contudo, vale lembrar que Washington Vítá lhe faz uma referência: "(...) tem Vieira Pinto assegurado seu lugar na história do pensamento brasileiro, marcando o aparecimento de sua obra um momento da filosofia praticada entre nós, principalmente por sua intenção participadora e militante".³

1. A IDENTIFICAÇÃO DA QUESTÃO NACIONAL: A PROPOSTA DO DESENVOLVIMENTO

Vieira Pinto considera que a ausência de um pensar filosófico produz uma lacuna na visão de conjunto da realidade nacional. Os problemas não são formulados objetivamente, devido a uma ótica estreita, delimitada por uma perspectiva carente de historicidade.

Analisa essa carência:

Faltou (...) ao Brasil, para entender-se a si mesmo, aquilo que Leibniz chamava o ponto de vista do infinito. Nosso ponto de vista sempre foi o finito, ou porque o observador esgotava a capacidade de análise e compreensão, ou porque isto é mais grave — mesmo quando tentava abranger o conjunto da realidade brasileira no espaço mundial e no tempo histórico, o fazia segundo a simples e elementar perspectiva das correlações geográficas e da história meramente descritiva.⁴

A situação mais alarmante do atraso nacional repousou na falta de um Brasil filósofo de uma nação pensante, que oportunizasse a situação e o encaminhamento dos problemas, a partir de uma cosmovisão. Faltou o vínculo entre **teorese** e **pragma**; as carências são identificadas, facilmente. O fator agravante é que o pensador nativo não possuía instrumental teórico para trabalhar conceitos e apressar o processo da consciência da nacionalidade. Tudo isso dificultou a passagem do mundo empírico para o mundo conceitual. Faltou preparo, faltou reflexão, faltou filosofia para que se formasse uma consciência capaz de ter uma visão histórica de tota-

lidade. Sem o recurso teórico, o dado foi mal trabalhado e, sem referencial é difícil a investigação. Daí a afirmação de Vieira Pinto, que “não há interpretação sem categorias prévias de interpretação”.⁵

Aliado ao problema da falta de uma reflexão filosófica, ligada à circunstância nacional, Vieira Pinto se preocupou com um outro aspecto da questão nacional, que era a situação de atraso da nação, agravada pelo aumento quantitativo das massas “ignorantes e apáticas”.

As massas, à proporção que crescem, começam a ser força de pressão no mundo da cultura e dos bens sociais. Ao tomarem consciência de sua situação agem no sentido de conquistar seu espaço social. Advém, então, o desconforto das elites, que tentam sustar o avanço das massas no circuito dos privilegiados. A massa, nesse momento, ultrapassa o sentimento vago de desigualdade social e se entende no direito de participar das benesses sociais. Sua consciência eclode. A fase embrionária está superada. É o nascimento da consciência pessoal e social. É a consciência do coletivo.

Vieira Pinto acredita que esse é um momento muito fecundo, porque se acelera a construção, a nível do simbólico, dos fundamentos do universo conceitual, balizado pela idéia que emergiu do mundo empírico para o mundo interpretativo. Há uma imbricação, segundo o autor, em ter a idéia e ser tido pela idéia.

O homem que possui uma idéia é, ao mesmo tempo um homem possuído por essa idéia. (...) Desse modo, a idéia deixa de ser tida como dado abstrato, para ser considerada como realidade eminentemente social.

A idéia aparece, então, como força impulsionadora da História e modificadora da estrutura social. Esse dinamismo é capaz de movimentar o sujeito para uma ação concreta, que toque os limites do futuro (no caso, o futuro nacional). O futuro, gestado no presente, enquanto processo e projeto, exige o conhecimento das condições conjunturais e estruturais da nação, para que não haja ideações sem conteúdo real. Esse procedimento garante o mínimo de êxito no encaminhamento das questões nacionais.

Há um prisma gnoseológico que orienta o estudo da questão nacional. Vieira Pinto sublinha a necessidade de conhecer o momento da nação, de saber o nível de consciência das massas, de dectar a capacidade operativas das lideranças para que o projeto não pareça por inviabilidade.

O reconhecimento objetivo do dado social, a exploração minuciosa, exata e lúcida do estado da nacionalidade são a condição para que se possa elaborar o melhor projeto possível do futuro, pela simples razão de que, quando obtemos a idéia clara do presente, vemos o que nela se contém potencialmente, permitindo-nos conceber o futuro como função imediata e

contínua do presente, com o que se elimina o coeficiente de surpresa.⁷

Essa análise do futuro embutido no presente com o reconhecimento das possibilidades de êxito do projeto nacional, leva Vieira Pinto a estabelecer algumas teses sobre a questão do desenvolvimento nacional.

A primeira tese enunciada refere o vínculo entre consciência e processo. "O desenvolvimento nacional é um processo"⁸. O processo diz respeito à organicidade, a elementos ordenadores que dirigem a dinâmica da transformação nacional. A consciência se explicita como um desses elementos que orientam e impulsionam o movimento libertador da nação. No processo do desenvolvimento nacional, a Nação deixa de ser um "em-si" e torna-se um "para-si", um sujeito possuidor de consciência.

Essa consciência assumida pela Nação impede que a questão do desenvolvimento seja tratada ao acaso, na indeterminação e na imprevisibilidade. A organicidade do processo, a clareza de objetivos, o saber sua utopia implica em transformação qualitativa. "Em consequência deste ponto de vista, temos de aplicar à noção de desenvolvimento nacional os demais aspectos da categoria de processo, especialmente o de finalidade, unidade, especificidade e o de idéia diretriz, que os resume a todos".⁹

Com a noção de processo há necessidade de dar-lhe condições de possibilidade, viabilizando seu conteúdo. Isso será feito com a proposta ideológica, que escapa a um mero esquema conceitual ou a um jogo abstrato e se ordena em diretrizes concretas, voltadas para a ação. "Daqui se descortina a possibilidade da ideologia do desenvolvimento nacional ser não um esquema conceitual, abstrato e improdutivo, mas concepção geral (geral, não abstrata) de que decorrem linhas inteligíveis de ação prática rigorosa".¹⁰

Surge, então, a segunda tese, assim expressa: "Sem ideologia do desenvolvimento, não há desenvolvimento nacional".¹¹ Vieira Pinto a considera como tese central, pois sublinha a idéia-força, responsável pela aglutinação de todas as variáveis intervenientes no processo.

A ideologia é exteriorização da idéia da realidade nacional assumida pelas consciências, coletivamente. O desenvolvimento, enquanto processo, resulta do esforço conjunto das forças nacionais, norteadas por uma "concepção diretriz", ou seja, por uma ideologia que centralize toda a compreensão do estado atual da Nação. "Em outras palavras, para que se torne possível, e depois real, a unidade imprescindível ao rendimento ótimo do processo nacional, é necessário que aquilo que em cada consciência é idéia, seja socialmente ideologia".¹² Para o autor, a ideologia possui a característica do coletivo; a ideologia é o uso social da idéia (que é individual).

A formulação, a nível lógico-conceitual, dessa idéia diretora começa a ter consistência histórica, ao ser praticada como modo e meio

de fazer o país sair da situação de atraso. O processo histórico da Nação está, assim, vinculado à idéia-ideologia do desenvolvimento. Essa idéia, fundamentada na realidade nacional, tem o selo da autenticidade, cuja expressão maior reside na consciência das massas.

Esse é o momento que assinala a superação do estado de estranheza e alienação vivido pelo país. A ideologia cumpre o papel de negadora da situação colonial e de superadora dessa mesma situação. Nesse movimento a consciência crítica se instaura nas massas populares.

Começa a se fortalecer o argumento da ideologia desenvolvimentista, quando é atingida a exteriorização da terceira tese: "A ideologia do desenvolvimento tem necessariamente de ser fenômeno de massa".¹³

Vieira Pinto explica os dois aspectos dessa afirmação: um, positivo, que significa a importância do maior número de idéias constitutivas do projeto de desenvolvimento nacional estar na consciência do povo. A situação final de êxito do projeto depende da "propagação ideológica". Outro, negativo, mostra que o processo do desenvolvimento não depende de ações isoladas de grandes personalidades, mas de estar assentado, devidamente na compreensão popular, sob pena de parecer um "devaneio romântico".

Dessa forma é possível acreditar que o projeto é eficaz; o êxito da ideologia do desenvolvimento será garantido pela intensidade de sua difusão (como discurso) e pela certeza de sua verdade (como idéia). Será essa ideologia a expressão de um pensamento coletivo; daí, a importância da cooperação popular na elaboração do projeto do desenvolvimento nacional. As massas precisam ser esclarecidas acerca das categorias valorativas e interpretativas do projeto, para darem sua contribuição efetiva. É preciso "criar um verdadeiro estado de consciência" para que haja uma autoria popular no conteúdo do projeto ideológico-desenvolvimentista.

Vieira Pinto fala na dinâmica do progresso como um processo resultante da pressão das massas.

O conjunto de manifestações sociais que se denominam, de modo geral, reivindicações populares, — direitos, salários, condições de vida, etc. — apresenta-se fenomenalmente sob a forma de pressão exercida sobre as classes dirigentes, mas em verdade, é apenas expressão da exigência de desenvolvimento. Essas reivindicações exprimem a desconformidade entre a representação consciente que as massas fazem do seu estado vital e as condições econômicas e sociais do meio onde habitam".¹⁴

Essa irrupção mínima da consciência popular dão condições do movimento ideológico, a nível da massa. Vieira Pinto pensa que a massa é o segmento com força suficiente para sustentar a ideologia do desenvolvimento.

A quarta tese enunciada com vistas à legitimidade do projeto de desenvolvimento nacional. "A ideologia do desenvolvimento tem de proceder da consciência das massas".¹⁵ O povo é quem pronuncia sua exigência, não de um modo abstrato, formal, lógico, distante, mas, de uma maneira consciente, concreta, empírica até, mas convincente. Esse pronunciamento pode ser melhor acabado pelo intelectual, pelo pensador comprometido com a massa, portanto, fiel ao discurso popular. A ideologia do desenvolvimento nunca será manifestação da elite; seus interesses são outros. O desenvolvimento interessa às massas.

Vieira Pinto assinala o papel da "intelligentsia":

O que compete aos sociólogos, na ordem teórica, e aos políticos, na ordem prática, é fazerem-se arautos dessa verdade, recolhê-la nas suas legítimas origens e interpretá-la com o auxílio do instrumento lógico-categorial que devem possuir, sem distorcê-la, sem violentá-la, sem mistificá-la".¹⁶

Entendendo o processo de formação da consciência crítica e a explicitação dessa consciência na forma ideológica, como o momento maior da afirmação das massas, afirmação histórica e social, Vieira Pinto estabelece a ideologia como parâmetro unificador entre intelectuais e massa, na medida em que o problema é um só para todos — a questão do desenvolvimento nacional. A unidade é, pois, fator decisivo. Por meio dela é possível vencer os obstáculos sem a pressa do imprevisto e a falácia das pseudo — soluções.

Como viabilizar e operacionalizar a ideologia do desenvolvimento na consciência nacional? Esta questão é prontamente respondida pelo autor — por meio da educação, pela criação de um novo conceito de educação é possível realizar o projeto nacional. "Apresenta-se, assim, a educação como aspecto capital da teoria do desenvolvimento. Para o Brasil atual, a educação é a difusão dessa ideologia".¹⁷

2. A SUPERAÇÃO DOS PROBLEMAS NACIONAIS: O MOMENTO CRÍTICO — IDEOLÓGICO

O discurso de Vieira Pinto nesse segundo momento tem a particularidade de um bisturi, que corta o tecido nacional e aí trabalha minuciosamente procurando encontrar as razões dos problemas e as possibilidades de soluções.

Na sua investigação percebe que a leitura compreensiva dos problemas nacionais só será possível por meio de uma consciência aberta à realidade. Consta, no entanto, que nem toda exteriorização da consciência tem esse caráter de objetividade. Há uma consciência ingênua que não

procede a uma leitura realista das condições de atraso da nação. Esse tipo de consciência, próprio de uma esfera subjetiva, não faculta nenhum processo interativo ou transformador com o real. Por outro lado, há uma consciência voltada para fora, que, entendendo as razões do atraso nacional, é capaz de pensar na superação dessa realidade. É a consciência crítica, que se constitui fundamentada na exigência de mudança da realidade nacional; daí a sua dimensão objetiva e emancipadora. É a consciência portadora da ideologia, que, por sua vez, é a responsável pelas mudanças nacionais.

Ideologia, no sentido da eficácia social, é a concepção de nova forma de ser para a existência comunitária, em razão da qual se carregam de valor, positivo ou negativo, todos os objetos, as idéias e os acontecimentos da realidade presente. Se não há projeto sem ideologia e se não há processo de desenvolvimento sem projeto, segue-se que a ideologia é fator que determina o desenvolvimento nacional”.¹⁸

Se a ideologia tem essa dimensão marcante no processo do desenvolvimento é necessário que esteja vinculada ao sujeito histórico que a propaga. Esse sujeito postula o projeto e a vivência de um modo antecipado. Vieira Pinto identifica esse sujeito — as massas. Novamente, o acento na massa, que, mesmo sendo iletrada, tem melhores condições de apreensão do real, porque vive intensamente as condições objetivas do mundo do trabalho e sabe que sua vida só será modificada se forem mudadas as condições em que vive. Desse modo o senso de realidade objetiva, próprio da consciência crítica, é acentuado na visão popular.

Associando consciência e realidade, Vieira Pinto mostra uma perspectiva racional na compreensão do real. O problema da verdade é tão somente o problema da realidade contextualizada. Esse é o lugar em que atua a consciência crítica. Ela se desenvolve dentro de um contexto de fatores sócio-econômicos, que podem ser interpretados racionalmente, ou seja, podem ser entendidos na sua verdade, porque podem ser lidos pela razão. A razão é a norma da consciência crítica. Assim toda transformação, toda revolução não é negadora da racionalidade, porque é ratificadora da crítica. Mostra, então, que “a revolução não possui um só e mesmo conteúdo em todo momento da história. Conforme a fase de determinado processo social nacional, deve-se perguntar pelo que, em tal fase, constitui a revolução possível, aquela que, justamente por ser possível, é no momento a necessária”.¹⁹

A subordinação à circunstância do momento é o traço característico da postura ideológica e crítica, pensada por Vieira Pinto. Na fase que o país está vivendo (década de 50) não é permitido nenhum tipo de vanguardismo, distante da legitimação coletiva. Isso significa que vivemos o tempo da impaciência, mas sem atitudes subjetivistas e ingênuas. É esse o sentido da submissão ao momento para fazer a revolução possível.

É a consciência, atenta e objetiva que faz a libertação acontecer na realidade nacional. A consciência ocupada é aquela que está "em permanente atenção ao universo de coisas e homens a que está ligada".²⁰ Esse termo cuidado é empregado com o sentido mesmo de vigilância, característica da consciência ocupada com a Nação. Distingue Vieira Pinto ocupação e preocupação. A ocupação é própria dos pensadores dos países subdesenvolvidos, que estão pensando as saídas para o país numa dinâmica de reflexão e ação coletivas. A preocupação é própria de pensadores diletantes, que mantêm o espírito "pré-ocupado", sem nada resultar objetivamente, em termos de mudanças substanciais. A preocupação do homem brasileiro atual tem um sentido inédito, pois manifesta que ele "está ocupado em tarefas novas e solicitado sempre a outras, imprevistas".²¹

O cuidado para o homem brasileiro tem uma prática revolucionária, porque implica em mudança das condições de vida das massas trabalhadoras que procuram ultrapassar o atraso, atingindo um estágio superior de desenvolvimento. O nosso cuidado é essa impaciência que nos ocupa e que produz em nós o "sentimento de urgência", isto é, a pressa em sair do processo de marginalização social e cultural para viver um processo civilizatório. Esse cuidado se reflete na construção da ideologia do desenvolvimento, resultante da consciência crítica das massas, que sabem ser a tarefa de construção nacional um esforço histórico de vivência coletiva.

A perspectiva da ideologia nacionalista aponta para a necessidade de se ter critérios para a averiguação das urgências nacionais; há que se ter um método de avaliação das possibilidades de emancipação nacional. Entende Vieira Pinto que não se pode "ir aos fatos num estado de inocência lógica".²² É imprescindível a contínua verificação do vínculo entre o modelo interpretativo e o fluxo dos acontecimentos. Esse papel cabe à ideologia — saber construir categorias interpretativas adequadas aos fatos, de tal modo que haja instrumental capaz de trabalhar a realidade.

Para o fim específico da análise que empreendemos, chamamos de ideologia a reflexão da sociedade sobre si mesma, originariamente na consciência individual de cada um dos seus membros e, a seguir nas modalidades de comportamento relativamente uniformes da consciência coletiva, reflexão essa que é tão subjetivante, enquanto representação intelectual de um estado de coisas, quanto objetivante, como projeto de transformação desse estado da realidade".²³

A unificação do subjetivante com o objetivante produz mediações que situam o sujeito na circunstância nacional. O homem não tem uma imediata interação com o mundo fora do âmbito nacional. É um sujeito no mundo, por meio das condições da Nação.

Vieira Pinto tem um momento forte de pensador nacional:

Entre mim e o "mundo" interpõe-se o Brasil. E isso duplamente: não só porque essencialmente vejo o universo a partir de um ponto interior à realidade brasileira, porquanto não tenho acesso direto aos acontecimentos do mundo, e sim aos do Brasil, enquanto refletidos no conjunto universal e refletindo, por sua vez, esse conjunto; mas, também, porque não posso compreender a história do mundo passado e futuro, senão enquanto afeta o curso dos acontecimentos do meu próprio espaço nacional".²⁴

Respalhado nesse raciocínio se constrói a Nação, de um modo conceitual e de um modo vivencial. A ideologia tem a força e o poder de tornar verdadeira a nacionalidade pelo fato de orientar a consciência coletiva no rumo da libertação nacional.

Isto posto, é possível pensar no modo da ordenação do conteúdo ideológico proposto pela massa. Entra em cena, nesse instante o pensador autêntico, que deve ser capaz de acolher "o balbúcio ideológico" expresso pelo povo e torná-lo um enunciado coerente, com clareza doutrinária. "Torna-se necessário o pensador aguçar a sensibilidade para discernir e captar quanto haja de autêntico nesses prenúncios ideológicos difusos no pensamento como em qualquer outra forma de pensamento de comportamento popular".²⁵

Essa espécie de radar ideológico, que deverá ser acionado pelo pensador comprometido com a massa, define a perspectiva metodológica de Vieira Pinto ao propor a mediação nacional, pela vivência coletiva da ideologia. Essa perspectiva procura apontar contradições como eixos centralizadores da questão nacional. Essas contradições se polarizam entre centro-periferia, colônia-metrópole, mundo subdesenvolvido e desenvolvido, nação dominada e nação dominante. Nessas equações sempre está, como pano de fundo, a "ideologia emancipadora", capaz de produzir metamorfose na vida nacional. Para Vieira Pinto, não há dúvida de que é possível todas as nações chegarem ao desenvolvimento. No caso brasileiro, esse caminho tem que ser feito do nosso modo, as categorias tem que ser pensadas com os nossos referenciais, os projetos devem estar circunscritos as nossas necessidades.

Os fatores ideológicos produzem e dirigem o processo do desenvolvimento. Esses fatores só se tornam dinâmicos se agilizados pela consciência que decide, compreende, quer e operacionaliza toda a questão trabalhada pela ideologia. Desse modo, verifica-se que o projeto do desenvolvimento nacional não é algo dado de uma só vez, abruptamente. É trabalhado praticamente pela consciência, que apreende a realidade nacional a ser modificada. Como cada momento tem uma inflexão diferente, a consciência percebe os vários momentos e elabora vários projetos."... o

projeto do desenvolvimento nacional é, na verdade, uma sucessão de projetos, mantidos em continuidade pela intenção geral, que, como causa final, os unifica".²⁶

Um projeto cumprido desvenda novas possibilidades para a realização de outros projetos, todos eles encadeados na totalidade de um projeto maior. Isto leva ao entendimento de que a ideologia do desenvolvimento de um país não pode ser pensada, apenas. Ela deve ser vivenciada a cada instante em que se explicita, dentro do processo.

Vieira Pinto adverte que, no momento, o que está sendo feito é a "teoria da ideologia", mas é preciso avançar e realizar a ideologia. É evidente a importância da teoria, para manter a unidade do processo, na prática. A prática é "o cumprimento de decisões ideológicas da consciência social".²⁷ Além disso, enfatiza o autor que a ideologia do desenvolvimento tem que estar ligada à prática coletiva, pois sem o vínculo prático, os problemas não se solucionam; ficam trabalhados apenas no plano teórico.

Vieira Pinto esclarece que o conceito de prática tem conotações diferentes em cada contexto nacional. Em um país desenvolvido a prática tem um significado; e, num país subdesenvolvido como o nosso, o conteúdo da prática se dimensiona com o estágio de evolução da consciência nacional. Com isso, elimina a universalidade do conceito de prática, porque ele está condicionado à etapa social de determinada comunidade.

Assim no que diz respeito à consciência social, a noção de "prática" não admite ser estabelecida em termos universais, não tem conteúdo idêntico em todos os contextos históricos, nem se apresenta do mesmo modo como critério de valor em qualquer momento cultural, mas deve ser relacionada com a fase na qual se encontra a comunidade no seu processo de desenvolvimento. No país subdesenvolvido em esforço de desenvolvimento, são as massas que detêm o critério da **práxis social**".²⁸

A ideologia produzida na consciência das massas será vivida intensamente, a partir das possibilidades dessas massas, num país subdesenvolvido. Não será, portanto, a pressa de uma elite que agilizará o processo do desenvolvimento, mas a organização da massa. E, aqui, Vieira Pinto coloca o problema das elites: estas só poderão subsistir se fizerem aliança com as massas. As elites precisam compreender que, se os problemas não lhe afetam, como classe, atingem sua nação; essa é uma realidade coletiva, onde os interesses devem ser coincidentes.²⁹

Investiga Vieira Pinto uma nação tutelada não só externamente (pela metrópole), como internamente (pela elite) e recolhe como resultado dessa investigação o dado incontestável — as massas até aqui viveram no enclausuramento cultural, político, econômico e social produzido pela ati-

tude autoritária dos agentes internos e externos responsáveis pela situação de subdesenvolvimento do país. Urge, que haja algo com possibilidades de romper a estrutura vigente e em condições de produzir uma nova situação. Esse “algo” deve ter sua origem no interior do próprio sujeito. A contradição é gerada na situação real. Logo, esta nova concepção só pode advir da massa, gerada nas condições que a negaram como sujeito histórico. Assim, conclui, a ideologia que libertará a nação não pode ser produção de uma elite, pois isso atestaria a passividade da massa. E, no seu momento ideológico, a massa não está alienada mas participante, tendo “uma atuação material positiva e eficiente, que não pode deixar de ser fonte de representações”.³⁰

3. O CONTEÚDO DA PRÁXIS NACIONALISTA

A intenção de Vieira Pinto é apontar formas de realização da política nacionalista. Apresenta como condição essencial para a viabilização dessa política “o fim da alienação internacional do trabalho”, o que implica na libertação do país da malha internacional que o prende e que expropria o fruto do seu trabalho. É a negação do senhor pelo escravo, no melhor estilo da dialética idealista.

Essa práxis exige a consciência da situação de exploração, a compreensão de que o país espoliado e colonizado “é na essência um país proletário”, que tem urgência de se libertar da teia do capital internacional para poder acumular recursos e fortalecer a economia nacional. A ideologia encontra seu espaço de operacionalização na política.

A política nacionalista deve ter como regra suprema abolir esta servitude internacional, restaurando o valor do trabalho nacional, pelo íntegro aproveitamento dele por parte do país, e fazendo-o realizar-se em modalidades superiores, verdadeiramente humanas, extinguindo as formas desumanas mantidas pelo estado de servitude colonial.³¹

A superação da contradição principal — situação de subdesenvolvimento, agravada pela relação colonial — é a meta da política nacionalista, que deve ser assumida não só pelas massas, mas também, pela “intelligentsia”, especialmente pelos teóricos da economia e do planejamento nacionais. Esses, particularmente, precisam construir uma cidadela que defenda os interesses da nação contra o avanço e o domínio do estrangeiro.

a) A organicidade coletiva

A consciência ideológica do coletivo se intensifica e busca se organizar de um modo prático. A certeza da exploração estrangeira se

reveste de instrumento de luta contra o rico que gera a miséria e a pobreza. O operário nacional, cômico dessa realidade, não servirá mais como força de trabalho para que o estrangeiro acumule riquezas. As riquezas devem ser acumuladas em âmbito nacional. "O primeiro grau de humanização do operário consistirá portanto em abolir a dependência com o sistema estrangeiro, fazendo-o trabalhar para o sistema nacional".³²

A leitura crítica e rigorosa da consciência capta o trabalho, como "trabalho para si". O trabalho não pode ser esvaziado dos conteúdos da nacionalidade, ou seja, não será um "trabalho para outro", o que equivale dizer não à exploração de matérias-primas nacionais por parte das empresas internacionais, bem como negar a política da exportação de riquezas minerais. "A política da exportação de minérios equivale, portanto, a uma política de desemprego. Importa assinalar igualmente que a decisão de exportar minérios e outros bens essenciais aprisiona o país em um círculo vicioso, paralisador de toda possibilidade de desenvolvimento".³³

Há como que um despojamento das possibilidades nacionais, no sentido do enriquecimento interno e da dignificação de sua mão-de-obra. Pode-se ler na política nacionalista expressões como: queremos, também, ser desenvolvidos; desejamos, também, participar do processo de produção de riquezas; almejamos, como todos, sair da situação de miséria e atraso e ocupar um lugar no conjunto das nações. Isto significa assumir a Nação. "Fazer o país trabalhar para si, eis como se enuncia o primeiro princípio de política nacionalista. Primeiro, e condição de todos os demais".³⁴

As massas se fortalecem à proporção que participarem das decisões nacionais e conseguirem uma ascensão social. Segundo a lógica do raciocínio de Vieira Pinto, assim como a ideologia provém da consciência das massas, também a realização política da ideologia conta com o trabalho das massas organizadas. Aparece com nitidez a postura nacional-popular do autor:

O nacionalismo é fundamentalmente ideologia das massas porque visa libertá-las das opressões e espoliações de que são vítimas. Não apenas tem nelas a inspiração, os motivos e a verdade dos seus princípios, mas depende delas para ser historicamente eficaz. A política nacionalista funda-se no poder político das massas trabalhadoras".³⁵

Sendo assim, o processo libertador da nação depende, efetivamente, da capacidade operativa das massas, enquanto sujeitos da ação histórica. A verdade nacional é a verdade popular. A compreensão desse fato gera o favorecimento de todos os meios que reúnam a força política das massas e a organizem em sindicatos, federações, partidos políticos, enfim, em todo e qualquer espaço de viabilização da política nacionalista.

Ao lado disso, a preservação dos recursos naturais do país é um ponto a ser ressaltado no processo organizativo das massas porque essas são as principais vítimas dos desmandos políticos, dos planejamentos enfraquecidos, das políticas econômicas servis que acabam por resultar em “uma franja de capacidade ociosa, a qual se fosse utilizada daria ao país, sem necessidade de novos investimentos, imediato acréscimo de fatores produtivos, que, por falta desta orientação, permanecem abandonados”.³⁶ Nesse quadro aparece a importância de um governo nacionalista para ser o executor da diretriz da ideologia do desenvolvimento nacional. Esse governo, inclusive, terá o compromisso de incorporar a mão-de-obra nacional na dinâmica da economia, conquistando, assim, novas balizas no avanço do desenvolvimento nacional.

b) A questão do capital

Vieira Pinto assume uma atitude de denúncia da situação colonizadora do capital estrangeiro, que chega a sua expressão imperialista e dominadora. A autonomia da Nação requer o pleno poder sobre os recursos econômicos e financeiros auferidos em território nacional. O pensador nacionalista repudia o capital estrangeiro e faz um chamamento para que todas as forças se aglutinem e resistam ao processo produtivo desencadeado pelos interesses internacionais.

Essencial é compreender que, em consequência do desenvolvimento econômico conquistado, atingimos uma fase imediatamente seguinte do nosso processo de consciência, fase qualitativamente diferente: não se trata mais agora de promover o desenvolvimento enquanto tal, mas de realizar a emancipação nacional com base no desenvolvimento.³⁷

O autor chama atenção para o fato da mudança de etapa; o entusiasmo desenvolvimentista deve dar lugar a uma compreensão profunda da realidade nacional, em termos de “salto qualitativo”, ou seja, é preciso conceituar a ideologia do desenvolvimento a partir de uma nova visão — a de que a emancipação econômica do país só se houver um repúdio veemente ao capital estrangeiro.

À medida que cresce a consciência crítica das massas, a simples bandeira do desenvolvimento não é mais satisfatória como conteúdo de luta e de organização. O momento nacional exige emancipação soberania. A “fase emancipatória” exige mais do que a pregação ideológica do desenvolvimento. Requer independência, autonomia, ruptura com o estrangeiro, com o capital internacional. Essa postura radical, esclarece Vieira Pinto, é absolutamente necessária para que não haja estagnação e para que não cresça o conservadorismo ideológico, que propaga o desenvolvimento puro e simples, sem perspectivas libertadoras.

Reitera o autor um novo nacionalismo no país, um nacionalismo que tenha presente a qualidade do processo do desenvolvimento e não, apenas, a quantidade. Essa balisa demarcatória assinala o corte do país com qualquer vínculo que o submeta ao estrangeiro, em todos os setores, mas, especialmente, no setor da economia nacional.

Não advogamos medida utópica; defendemos uma atitude ideológica. Até bem pouco, a bandeira do desenvolvimento, identificando-se com a do nacionalismo, satisfazia as exigências da consciência mais adiantada do momento; hoje, tais exigências configuram um novo ideal, o da emancipação nacional, e o convertem em centro da nova ideologia, a qual representa o momento seguinte de um só e mesmo processo de consciência. Toda consciência social que atualmente omita a exigência de que o nosso desenvolvimento se emancipe do capital estrangeiro, perde o título de nacionalista, torna-se conservadora, porque reitera uma posição vivida e ultrapassada, a que defendia o desenvolvimento a qualquer custo, mesmo com o generoso apoio do capital estrangeiro.³⁸

Na análise que faz sobre o problema do capital estrangeiro entre nós, Vieira Pinto acentua o caráter dialético do processo do desenvolvimento, cujas contradições afloram à proporção que o capital nacional repudia o internacional. Alerta, no entanto, que essa dialeticidade requer uma tática aprimorada, uma vez que é preciso rejeitar a pregação dos serviços do capital estrangeiro, desfazendo suas argumentações falaciosas.

A questão se agrava e a denúncia se faz necessária. É preciso falar "que o capital estrangeiro é, na sua maioria, uma ficção econômica", que nos anestesia para ficarmos dóceis aos seus avanços, numa clara demonstração de imperialismo e exploração. Essa violência agride a dignidade nacional e proporciona reações violentas como a proposta de expurgo das empresas estrangeiras ou a exigência da nacionalização das referidas empresas. Lembra Vieira Pinto que a própria consciência nacional evoluiu no entendimento da questão acerca do capital estrangeiro, passando da fase de luta pela auto-afirmação do capital nacional face ao capital estrangeiro, à etapa da necessidade do controle desse capital; no momento, estamos vivendo a fase mais lúcida da consciência nacional, que se traduz na "imperiosa necessidade de ser impedida, de agora em diante, qualquer forma de investimento estrangeiro privado, e promovida o mais breve possível a completa nacionalização de todas as empresas estrangeiras existentes no País".³⁹

Várias nuances toma a postura nacionalista de Vieira Pinto. Passa desde um matiz desenvolvimentista para um forte tom de nacionalismo engajado, que culmina com intensa pregação ideológica a respeito da acumulação do capital nacional. É urgente a tomada de decisão.

Ou a tomamos, e conseguiremos realizar a economia nacional autêntica, emancipadora do País e condição de sua possibilidade de constituir-se em ser histórico independente; ou nos descurdaremos de tomá-la, e procederemos a uma acumulação incompleta para nós, parcial naquilo que nos beneficia, deixando reverter à economia hegemônica, que nos domina, a menor parcela da acumulação aqui produzida⁴⁰.

O desenvolvimento capitalista não é alguma coisa a ser questionada. É antes uma conquista, desde que nacional. "Se quisermos prosseguir edificando o nosso desenvolvimento em regime capitalista, enquanto isso for conveniente, temos de supervalorizar o capital nacional, pois este não vale só pelo que contém em valor monetário, mas transporta ainda um sobrevalor, o seu significado político".⁴¹ É o modo de conseguir a emancipação econômica, fortalecida na produção do que é nacional. A conveniência de manter esse regime, ou não, será decidida pela consciência ideológica, que sempre será a consciência das massas. Esse paradigma do coletivo é o critério usado por Vieira Pinto para propor o desenvolvimento aliado ao enriquecimento nacional. Há que superar a fase de miséria, de desequilíbrio social, de dependência externa privilegiando o que ele chama o "teorema central da teoria nacionalista", que é o desenvolvimento nacional financiado pelo e com o trabalho das massas. Em última análise, uma nação desenvolvida, rica e amancipada é resultado do trabalho popular. Esse teorema é a bússola que orienta as estratégias a serem utilizadas no confronto com os agentes do capital internacional.

c) As possibilidades nacionais

As massas acordadas para a situação de dependência colonial instauram o momento nacional de eclosão da consciência coletiva, consciência essa, que rompe com a estrutura colonial e marca o tempo da crítica e do julgamento da condição periférica do país. Começam a ser delineadas as possibilidades nacionais.

A ação operativa das massas será mais eficaz se contar com o apoio e amparo do Estado, que deve ser um defensor da Nação, a ponto de combater os "ideólogos do colonialismo", os "arautos do capital privado", os "aproveitadores do nosso atraso". O nacionalismo de Vieira Pinto atinge, então, a instância do instituído. "Cabe ao Estado promover, pela política nacionalista, o aproveitamento do trabalho nacional como origem dos recursos internos, suprimindo o lucro estrangeiro e a ação dos seus agentes, nativos ou forâneos, sempre desmoralizadores do esforço do povo".⁴²

A cidadela construída em torno da economia nacional aponta para a viabilidade da nação, não apenas no que se refere ao seu desenvolvi-

mento, como no que diz respeito ao seu processo emancipatório, na totalidade. Essa é uma tarefa precípua das massas, que percebem na luta nacionalista a condição de sua sobrevivência e humanização. As massas possuem uma dinâmica capaz de movimentar a nação, de um modo substantivo. As condições materiais de mudança começam a acontecer, quando, efetivamente, há um trabalho crítico no real. Vieira Pinto acredita que "é uma revolução social o que se tem de processar, pois outra coisa não significa transformar a qualidade da nação de subdesenvolvida em plenamente desenvolvida".⁴³ Acena como se dará esse processo revolucionário; indica que será uma incumbência das massas esse processo, as quais poderão contar com a ação de seus eleitos, no parlamento, que representarão, democraticamente, a vontade popular. Essa via formal, pensa o autor, pode ser a mais adequada, embora seja lenta. Adverte que as urgências nacionais podem se tornar mais prementes e, nesse caso.

a contradição fundamental do subdesenvolvimento, a divisão entre os setores entreguista e nacionalista da nossa economia, e o séquito de sérias situações que acarreta, como as desigualdades regionais, se agravará a tal ponto que será impossível impedir as forças expansivas autóctones, cuja progressão é incoercível, de abrir caminhos por meios violentos. Somente a remodelação da nossa estrutura econômica, modificando coletivamente as condições de vida das massas, conduzida por uma política nacionalista consequente, resolverá os problemas sociais do momento. Não há que contar com outro meio".⁴⁴

A consciência nacional, na sua formação dialética, é capaz de absorver todos os impactos provenientes da questão do desenvolvimento. É evidente, no entanto, que essa mudança qualitativa da consciência exige um acompanhamento educacional. Não será, pois, um processo educativo formal e elitista o instrumento adequado para o trabalho de educação popular. O desafio nacionalista mais sério é o da educação das massas, para que elas estejam preparadas para as consequências do desenvolvimento. É, além disso, um desafio político, que precisa ser assumido não pelas estrelas acadêmicas das nossas escolas, mas por pessoas realmente envolvidas com o problema da educação popular.

A intenção de Vieira Pinto é ressaltar a capacidade das massas para legitimamente participarem do processo nacional, capacidade esta, que deve ser estimulada pela educação e pelo trabalho dos que estão convertidos à Nação. As massas são inteligentes e por isso conseguem se saberem e se assumirem. Nesse sentido, intui, que a revolução social não poderá ser feita por letrados, mas pelas massas que desejam fazer a experiência de libertação.

Um dos bons exemplos do modo ingênuo de pensar está em afirmar que a revolução de que necessitamos terá de ser feita

não pela espada, nem pelo voto, mas pela escola. Deparamo-nos aqui com uma das simplicidades em que incorrem até mesmo dignos e respeitáveis expoentes do pensamento de intenção nacionalista. A escola e a universidade não podem fazer a revolução de que o Brasil precisa, simplesmente porque é a revolução que tem de fazer a escola e a universidade de que o Brasil precisa. A escola não faz a revolução, porque a revolução tem de ser feita nela; logo, será conduzida por outras forças, que nela terão de operar a transformação indispensável".⁴⁵

Decididamente, o sujeito da práxis histórica deverá viver um processo de transformação da consciência, para produzir mudanças reais. Essa é uma realização das massas — a mudança nacional.

A revolução indicada não demonstra que será um movimento de metamorfoses significativas, no sentido de mudanças radicais. Será um movimento transformador, dentro de um processo ainda liberal-burguês, com os tons populistas. Tudo está a sugerir que o propósito revolucionário deve desencadear um processo de reconhecimento de si (de auto-afirmação nacional) semelhantes ao da dialética do senhor e do escravo. Esse empenho em envolver a massa no processo de desenvolvimento nacional atesta a importância de efetivar a morte do senhor para que o escravo saia de sua condição. Na morte do senhor, a liberdade do escravo. Na negação da Metrópole, o nascimento da Nação.

CONCLUSÃO

Álvaro Vieira Pinto se propõe uma tarefa de pensador. Um pensador desapegado da forma, porque fiel ao conteúdo do real. Essa fidelidade tem seu momento maior, quando ele pensa a Nação. A realidade — nação é a sua práxis, é a sua referência como sujeito histórico, que faz Ciência, porque tem Consciência.

Os postulados do seu pensamento são definidores do seu perfil filosófico. Pensa uma Nação que precisa ter consciência crítica para poder se libertar do atraso cultural e pensa um sujeito que precisa fazer Ciência de um modo dinâmico e coletivo para que a Sociedade seja beneficiada com o progresso. Esta postulação é a de um sujeito situado no real, participante da História, que se abre para uma leitura crítica e dialética do mundo.

Para Vieira Pinto, o homem que tem consciência de sua realidade nacional e o homem que faz Ciência possuído pela Existência é o homem que vive a dialética, na sua totalidade. Vive "diá", a dualidade, a separação, se sabe um sujeito, é consciência de si. Vive "lektikós", é apto a

palavra, é conveniente ao diálogo. Dessa vivência brota a lucidez do político e a objetividade do cientista.

A dicotomia que é mostrada entre a Consciência Ingênua e a Consciência Crítica é o macro divisório entre a situação formal e a situação dialética. Enquanto a primeira é fortalecida por princípios fixistas; a segunda não considera as situações determinadas previamente e se dimensiona pelo movimento da História. Interessa a Vieira Pinto um Brasil com consciência crítica, que seja capaz de pensar a contradição, isto é, capaz de pensar dialeticamente.

Vieira Pinto mostra ser um pensador cuja filosofia é um compromisso social com a Nação.

Seu vezo hegeliano permite que compreendamos a sua síntese, traduzida como um momento da estabilização do processo nacional, onde a Nação é sujeito. Essa consideração auxilia o entendimento da ideologia, como referencial para o desenvolvimento nacional. A ideologia é o modo de realização do conceito de nação. A idéia e a ideologia se fundem no instante da exteriorização, no acontecer racional da nação. Daí a afirmação de que "tudo que é nacional é racional".⁴⁶ A apropriação da racionalidade se dá de um modo coletivo, na medida em que o estado de alienação fica superado pelo movimento da consciência das massas.

A colônia produziu essa alienação e a ideologia do desenvolvimento será a forma superadora dessa situação. A ideologia é, pois, condição para ultrapassar o limite do subdesenvolvimento e romper a barreira do futuro. O momento da consciência é simultaneamente o momento da ideologia e, conseqüentemente, da etapa do desenvolvimento.

É assim que Vieira Pinto pensa a Nação e tenta convencer a todos do sentido demiúrgico da ideologia, dirigido objetivamente para a concretização da nacionalidade.

NOTAS

(1) VIEIRA PINTO nasceu em 1909. Sua formação acadêmica foi na área médica, mas sua inclinação de trabalho ocorreu na área filosófica. Sua tese para o exercício da cátedra, versou sobre a Cosmologia de Platão. Como seus contemporâneos, teve formação escolástica, que mais tarde abandona. Ao assumir o trabalho filosófico, no ISEB, destacou-se por sua proposta nacionalista, debatendo o desenvolvimento do país, sob uma perspectiva crítica.

(2) VIEIRA PINTO, A. *Ideologia e desenvolvimento nacional*. 2ª ed. Rio de Janeiro, ISEB, 1959, p. 53. A relação de Vieira Pinto com o ISEB está tratada na nossa tese de doutorado, ora em execução.

(3) WASHINGTON VITA, L. *Panorama da filosofia no Brasil*. Porto Alegre, Ed. Globo, 1969, p. 130.

(4) Cf. *Ideologia e Desenvolvimento Nacional*, p. 13.

(5) *Idem*, p. 15.

- (6) *Idem*, p. 20.
- (7) *Idem*, p. 22.
- (8) *Idem*, p. 23.
- (9) *Idem*, p. 24.
- (10) *Idem*, p. 25.
- (11) *Idem*, p. 32.
- (12) *Idem*, p. 28.
- (13) *Idem*, p. 34.
- (14) *Idem*, p. 37.
- (15) *Idem*, p. 38.
- (16) *Idem*, p. 39.
- (17) *Idem*, p. 50. Esse tema da educação das massas será retomado por Vieira Pinto, no 2º volume de "Consciência e Realidade Nacional", ao enunciar os princípios da Política nacionalista.
- (18) VIEIRA PINTO, A. **Consciência e Realidade nacional**. Rio de Janeiro, ISEB, 1960, V. I, p. 34. A propósito dessa definição da ideologia, Michel Debrun, comenta que, para Vieira Pinto, "a história é essencialmente a história presente". Cf. o Problema do Ideologia do Desenvolvimento, In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais** v. II, nº 2, 1962, p. 244.
- (19) *Idem*, v. I, p. 83. O conceito de revolução em Vieira Pinto é muito próprio do seu nacionalismo. Ele não se serve nem do conteúdo da revolução burguesa, nem assume a práxis da revolução proletária. A sua é uma revolução nacional e essa nacionalidade é que possui conteúdo revolucionário.
- (20) *Idem*, v. II, p. 22.
- (21) *Idem*, v. II, p. 22.
- (22) *Idem*, v. II, p. 29. A realidade precisa ser trabalhada com categorias de interpretação, que, decodifiquem o seu processo.
- (23) *Idem*, v. I, p. 45. É interessante observar os movimentos que o conceito de ideologia assume no interior do seu discurso. Seu pensamento tem uma mobilidade contínua, tal como o Logos de Heráclito ou a Razão de Hegel.
- (24) *Idem*, v. II, p. 30. Michel Debrun refere que Vieira Pinto tem "a obsessão de uma opção concreta", Cf. op. cit., p. 238.
- (25) *Idem*, v. I, p. 145.
- (26) *Idem*, v. I, p. 52.
- (27) *Idem*, v. I, p. 54.
- (28) *Idem*, v. I, p. 56.
- (29) VIEIRA PINTO comete aqui uma ingenuidade, embora conteste a consciência ingênua. Como é possível haver coincidência de interesses entre classes econômicas e sociais tão distanciadas como elite e massa? ! o autor esquece as contradições reais entre as classes, envolvendo-as numa única ideologia — a ideologia da nação.
- (30) C. R. N., v. I, p. 143.
- (31) *Idem*, v. II, p. 434. O nacionalismo começa, então, a ser detalhado e operacionalizado em termos de uma prática política, cuja negação maior é o domínio da metrópole, que implica na denúncia do imperialismo econômico e político.
- (32) *Idem*, v. II, p. 436. Vieira Pinto entende que é condição essencial, para a supremacia econômica da nação, o trabalho do povo voltado "para si".
- (33) *Idem*, v. II, p. 441.
- (34) *Idem*, v. II, p. 444. É a tese de construção do País pelas forças internas. A hegemonia terá substrato nacional.
- (35) *Idem*, v. II, p. 446. Explícite-se o vezo populista de Vieira Pinto.
- (36) *Idem*, v. II, p. 449.
- (37) *Idem*, v. II, p. 457.
- (38) *Idem*, v. II, p. 458. Essa questão foi vivida, de um modo polêmico, no ISEB, em 1958, por ocasião do surgimento do livro de Helio Jaguaribe. "O Nacionalismo na Atualidade Brasileira".

(39) *Idem*, v. II, p. 461. Essa pregação não tinha a menor possibilidade de ser aceita em pleno apogeu desenvolvimentista, tributário da política de dependência econômica produzida pelo capital internacional. É evidente que Vieira Pinto, apesar de sua consciência antecipatória, não conseguiria imaginar o volume do investimento estrangeiro em nosso país e até onde chegariam os desdobramentos do discurso desenvolvimentista, que, ele julgava uma fase preliminar, mas, que acabou se entendendo por duas décadas.

(40) *Idem*, v. II, p. 462.

(41) *Idem*, v. II, p. 462-63.

(42) *Idem*, v. II, p. 466.

(43) *Idem*, v. II, p. 469.

(44) *Idem*, v. II, p. 470.

(45) *Idem*, v. II, p. 503.

(46) *Idem*, v. II, p. 112. Vieira Pinto vê como legítima a aplicação do princípio da dialética à questão nacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DEBRUN, Michel. O problema da ideologia do desenvolvimento. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. II, nº 2, 1962, p. 263-279.

VAZ, Henrique de Lima. Consciência e realidade nacional. **SPES**, ano IV, nº 14, 1962.

VIEIRA PINTO, A. **Ideologia e desenvolvimento nacional**. 2ª ed., Rio de Janeiro, ISEB, 1959.

_____ **Consciência e realidade nacional**. Rio de Janeiro, ISEB, 1960, v. I e II.

WASHINGTON VITA, L. **Tráfico de idéias**. São Paulo, Editorial Grijalbo, 1967.

_____ **Panorama da filosofia no Brasil**. Porto Alegre, Ed. Globo, 1969.